

190				
			916	J

Pau Brasil

# Governos acusados pela crise com índios

LEVI VASCONCELOS

Miscigenação

O argumento predileto dos adversários dos índios pataxós - a violência que ronda o dia-a-dia da aldeia pataxó hã hã hã, em Pau Brasil - é mais consequência da falta de disposição dos criadores do problema, os governos federal e estadual, para resolver a questão. Segundo os líderes dos fazendeiros que estão nas 435 fazendas, dos 53.425 hectares da área indígena da aldeia Caramuru todos aceitariam de bom grado entregar as terras aos índios, desde que fossem indenizados de forma que pudessem comprar outras propriedades.

Segundo os cálculos de Val Mascarenhas, um dos fazendeiros, o preço de mercado das terras da área varia de R\$ 500 a R\$ 1 mil o hectare. "Se pagasse a R\$ 700, daria 37,3 milhões, uma ninharia para o governo federal", ressalta. Se a terra ficasse ao preço médio que o Incra paga pelos imóveis desapropriados para a reforma agrária, o total daria R\$ 26,8 milhões. Não houve o acordo da pacificação tentado pelo presidente da Funai, Carlos Frederico, exatamente porque ainda não há recursos alocados com essa finalidade.

Na reserva de Mirandela, município de Banaã, o governo gastou bem mais para resolver um conflito que durava décadas. Desembolsou R\$ 60 milhões e o dinheiro não foi suficiente. Mesmo com os recursos assegurados, muitos fazendeiros viraram sem-terra e chegaram a ocupar a sede do Incra, junto com o MST. A terra é indígena, oficialmente demarcada, mas os fazendeiros entraram lá com contratos de arrendamento junto ao Serviço de Proteção ao Índio (SPI), o órgão que antecedeu a Funai, o que era legal, e depois pegaram títulos emitidos por sucessivos governos estaduais. A questão é indenizar tais títulos. A procuradora da República Raquel Dodge, que esteve na aldeia na semana passada, acha que a responsabilidade é do estado.

Na briga de Pau Brasil, é comum dizer-se que na aldeia "não há mais índios, e sim descendentes de índios". Lógico que a intenção é desqualificar o mérito da luta indígena. Miscigenados eles são e assumem. Mas quem entra na aldeia vê com absoluta clareza que muitos ainda carregam traços étnicos nítidos. "Essa é porreta. Nos expulsam de nossas terras, os índios se espalham por todos os lados e agora querem cobrar deles pureza na raça. O índio queria casar, não tinha uma índia ao lado. A índia queria casar, não tinha índio. Ia casar com quem? Nós até agradecemos aos não-índios que tomaram conta das nossas índias", diz o subcacique Nailton.

Ele afirma que entre as 283 famílias que moram em Caramuru, 60 são de índios casados com não-índias e índias casadas com não-índios. D. Egídia, com mais de 70 anos, é índia pura, mas o marido dela, Diogo (já falecido), não era índio. O filho do casal, Gerson, é índio ou não é? Para os fazendeiros, não. Para os índios, tanto é que ele é o cacique da tribo, carismático, dono de fortíssima liderança e dos mais visados pelos inimigos. Quando não era cacique e o movimento ainda não tinha a dimensão que tem hoje, várias vezes foi preso em Pau Brasil por mera perseguição.

"Não adianta. Nossa luta não tem tréguas. Queremos nossas terras de volta e só descansaremos quando conseguirmos os nossos objetivos", afirma Gerson. "Do lado da PM morreram dois soldados. Do nosso povo só morre liderança. Eu sei que vou morrer um dia, não sei como e nem de quê. Mas para mim seria um orgulho morrer defendendo o nosso povo. Com ou sem massacre, não sairemos daqui", completa o subcacique Nailton. O histórico da violência, sem contar as agressões morais, é completamente desfavorável aos índios, que até agora contabilizam 11 mortes.

As medidas oficiais se sucederam ao longo dos anos, mas foi o índio quem precisou lutar pela terra

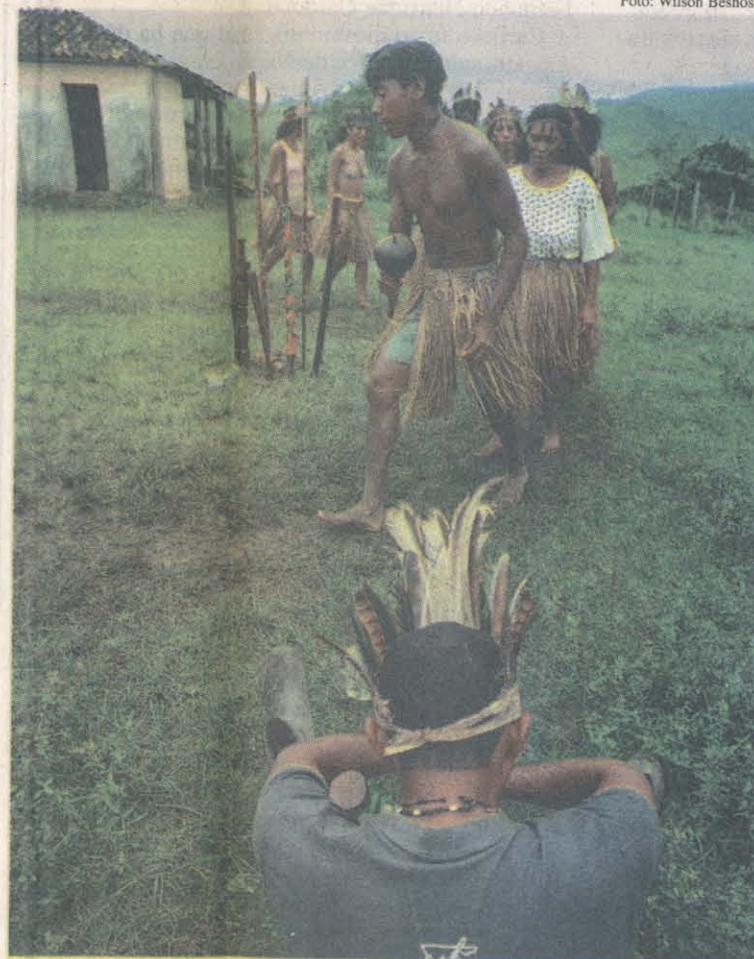


Foto: Wilson Besnosik

## Terra foi demarcada em 1936

A Sexta Câmara do Ministério Público Federal designou a antropóloga Sheila Brasileiro, da Procuradoria da República na Bahia, para atuar como observadora da situação em Pau Brasil. A área retomada pelos índios na semana antepassada faz parte de um conglomerado de nove fazendas dentro da reserva indígena garantida pela lei federal nº 1916/2 de janeiro de 1936. Mas a partir de 1976, o estado da Bahia passou a conceder títulos de terra a invasores e ex-arrendatários, não reconhecendo o processo de regularização de 1936.

A trajetória dos pataxós pela retomada das terras da reserva indígena de Pau Brasil é marcada pela violência. Direta ou indiretamente 11 índios já morreram em consequência dos conflitos, além dos dois soldados da

semana passada. Veja os episódios, caso a caso.

**1982** - O índio Antonio Júlio leva um tiro de escopeta na cabeça, perde massa encefálica, fica paraplético e logo depois morre. Os índios culpam o fazendeiro Marcos Vinicius Wanderley.

**1983** - O cacique Edsio aceitou negociações patrocinadas pela Funai com os fazendeiros rejeitadas pela comunidade e acabou assassinado a tiros pelos próprios índios.

**1983** - O índio Candorra é morto a tiros. O episódio é mal explicado. Os índios acham que ele foi vítima de pistoleiros porque onde ia defendia a retomada das terras.

**1986** - Divergências internas sobre o encaminhamento das negociações com a Funai e os fazendeiros resultaram no assassinato, a

tiros, dos índios Carrapicho e Jacinto. O autor foi outro índio, o ex-cacique Saracura, que hoje vive na aldeia de Coroa Vermelha, em Santa Cruz de Cabrália, e não pode voltar a aldeia Caramuru (em Pau Brasil) porque está ameaçado de morte.

**1987** - O cacique João Cravinho, irmão do índio Galdino, que morreu queimado em Brasília, é assassinado a tiros e facão pelo índio Glicério. Segundo os índios, Glicério agiu sob influência do fazendeiro Pedro Leite, já falecido.

**1987** - Dias depois, o índio Glicério é assassinado e tem o corpo queimado. Segundo o inquérito policial, os índios, com participação de Galdino, se vingaram da morte de Cravinho. Os índios dão uma versão contraditória. Admitem que Glicério matou Cravinho, mas dizem que ele morreu queimado porque uma vela provocou incêndio enquanto ele dormia.

**1988** - A índia Suely, de 22 anos, aparece morta a tiros na estrada entre Pau Brasil e Camacan. O episódio nunca foi esclarecido, mas os índios acham que só pode ter sido os fazendeiros.

**1989** - O índio Djalma é morto com requintes de perversidade. Arrancaram-lhe as unhas, os dentes, o couro cabeludo e ainda foi castrado. Os índios acusam pistoleiros a serviço de Paulo Leite, filho de Pedro Leite, dono da Fazenda Rancho Alegre.

**1992** - O índio Josenias entra em desentendimento no povoado de São João do Panelinha (Camacan), foi chamado de "índio safado", reagiu e foi assassinado.

**21 de abril de 1997** - O índio Galdino foi a Brasília juntamente com outros companheiros manter contatos com a Funai para tentar pressionar em favor de uma solução para o problema das terras de Pau Brasil. Perdeu-se do grupo, dormiu num banco de jardim e de madrugada foi queimado por adolescentes.